

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 101

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno..... 8\$000

Semestre..... 4\$000

Trimestre..... 2\$000

Territorios da união postal

Anno..... 9\$000

Semestre..... 5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO.,

43-RUA FORMOSA-43

JOSE D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

Deposito em Lisboa 37, RUA DO CORPO SANTO, 37

A MELHOR DE MEZA
CONTRA AS DYSPEPSIAS



AGUAS DE BEM-SAUDE

ANALYSE

De E. de S. J. dos Santos e Silva, da Universidade de Coimbra.

Bicarbonato de sodio	1,15402
Bicarbonato de litio	0,00035
Bicarbonato de calcio	0,51360
Bicarbonato de magnésio	0,22824
Bicarbonato de ferro	0,00074
Bicarbonato de manganeso	0,00099
Phosphato d'alumínio	0,09171
Sulfato de potássio	0,01461
Chloreto de potássio	0,04369
Chloreto de sodio	0,10343
Silica	0,05106
Materias organicas	0,00026
	3,11731
Bicarbonato d'ammonio	0,00395
Acido carbonico livre	1,28454
Somma	1,20542

Vestigio de acetato de sodio, azoto e oxigenio.

Deposito no Porto 57, RUA DE D. Pedro, 57



Vejam o que dizem os curados
Todos os dias novas curas
Mal de rins e dificuldade na digestão

Sr. Dr. McLaughlin
Com muita satisfação lhe communico que, não obstante ter feito muito pouco uso do seu **Vigorizador Electrico**, me sinto muito melhor, as picadas nos rins desapareceram por completo e o estomago digere com facilidade.
Assuceira, 22 de Setembro de 1935.

De V.
(a) Padre Antonio Joaquim da Matta

CONSULTAS E UM LIVRO GRATIS

Se estas enfermidades vos interessarem escrever-nos ou vir ao nosso consultorio para receber a nossa consulta gratis. Dir-vos-hemos com franqueza se o tratamento electrico poderá dar um alivio aos vossos padecimentos.

DR. M. P. MCLAUGHLIN

HORAS: 9 da manhã ás 8 da noite. Rua Augusta, 188, 2.º - LISBOA
domingos, 10 da m. á 4 da tarde.

BRAZIL - UNIAO DOS PROPRIETARIOS
COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES
18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado
Deposito no Thesouro Federal 200.000.000

Anteriormente a funcionar por carta-patente, inscripta na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4279, de 10 de dezembro de 1934 - Seguros predios, estabelecimentos commerciaes, moveis, officinas e tudo mais quanto se relacionar com seguros terrestres. Aceita proceções para administrar letras por conta e ordem de terceiros, encaregando-se tambem do resgate de juros de apólices, dividendos de ações de bancos e companhias n'esta capital, mediante modica commissão.
Directores - Assimo José Luiz de Souza, Antonio Moreira da Costa, Antonio José Alexandrino de Castro - Conselho fiscal - José Campello d'Oliveira, Francisco Alves Soares Bastos, Daniel Ferreira dos Santos, Antonio de Freitas Gonçalves Guimarães, João da Rocha Romaria e João Jorge Gato Junior.

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado - RIO DE JANEIRO

Bueno Romera
DENTISTA
Tratamento de doenças da bocca.
Colocação de dentaduras artificiaes.
CONSULTORIO:
CALÇADA DO COMRO, 32, 1.º
(Vulgo Paulistas - Lisboa)

Encadernações e Typographia
VEROL & C.º
Procurer sempre a casa que tem um militar á porta
134, Rua Augusta, 136

«Union Maritime» e «Mannheim»
Companhias de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza
Directores em Lisboa:
Lima Mayer & C.º
59, Rua da Prata, 1.º

BILHARES
TABELLAS PNEUMATICAS
PRIETO
DUPLA ELASTICIDADE
Rua de S. José, 171, 173

PROVEM O BUCELLAS HOCK SAHEMAR PEÇAM TODA A PARTE

Almanach Illustrado
d'O SEculo
PARA 1906

Consideravelmente melhorado
ESTÁ Á VENDA

Este conhecido e apreciado ALMANACH

O melhor que se publica pelo diminuto preço de:

120 rs. brochado
e cartonado **rs. 200**

CORTICITE (agglomerados de cortica)
FABRICAÇÃO ESPECIAL

CHAO SEM FENDAS
HYGIENICO, IMPERMEAVEL E ECONOMICO

CHAPAS E TIJOLOS MATERIAL DE ISOLAMENTO
CONTRA O CALOR, O FRIO E O SOM

FORRO DE TUBOS E CALDEIRAS DE VAPOR
Reduzindo a condensação. Economisando combustivel

O. HEROLD & C. 1ª RUA DA PRATA, 14, 1.º

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographica, sinographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1905

NUMERO 101



O palhabor MARIS-STELLA de S. M. el-rei na regata de Cascaes em 1 de outubro

O *Maris-Stella* ganhou o primeiro premio na corrida do palhabor tendo-o disputado com o *Dinorah* do sr. dr. Castro Guimarães e com a *Elisa* do sr. Miguel Paixão que ganhou o segundo premio. O magnifico barco de S. M. el-rei chamava-se primitivamente *Sushine* e pertencia ao sr. Arthur Saloman, chefe da casa Stock Exchange de Londres; tem 118 toneladas, 78,06 pelo *yacht Racing Association* e foi construido em 1901

por Farlie, o grande armador e o constructor naval e as velas foram fabricadas nas importantes officinas de William Fife & Son. O palhaborito mede 83 pés de comprimento, 18,2 de bocca maxims a 11 de pontal ou seja 23,2925 de comprimento, 5,25551 de bocca maxima e 3,2855 de pontal. Das condições e veleiras e da leveza do *Maris-Stella* são provas evidentes o premio que o bello palhaborito alcançou medindo-se ecom duas outras embar-

cações tambem magnificas e soberbamente tripuladas e timonadas. Da *Dinorah* foi timoneiro o sr. dr. Castro Guimarães, cuja proficiencia é conhecida e admirada. A *Elisa* foi timonada pelo seu proprietario, um dos melhores e mais conceluidos amadores d'este genero de *sport*, tendo no entanto o *Maris-Stella* percorrido 90 milhas em 4 horas e 42 minutos, sendo seu timoneiro S. M. el-rei.

CHRONICA

O mar

Tem agora dado muito que falar o mar. Durante muito tempo elle tem serenidades de despota cansado que adormece e cae em preguiças brandas sobre o seu leito mysterioso, deixa que a terra acue, viva, se transforme, faça a sua obra; conserva-se assim n'aquella modorra, como a pedir suffragios, a recordar, talvez, a cerimonia dos velhos doges que, com o Adriatico—irmão de todos os mares—se casavam n'uma pompa enorme, toda de gloria e de sumptuosidade. Mas quando sente a terra a convulsionar-se, como ha pouco, a abrir-se em fendas, a torcer-se, a derrubar casas, palacios, egrejas, n'um impeto como o d'esse cataclysmo d'Italia, quando a vê ameaçadora, como ha dias, em Lisboa, a mexer-se levemente n'um abalo, felizmente de curta duração, agita-se tambem, sente que não pôde estar quieto, ou faz com que nos seus dominios surjam catastrophes para não perder a fama de tyranno que lhe diz bem.

O mar para nós, portuguezes, é um amigo irritavel para o qual se teem desculpas quando d'elle veem razões de queixa. Ao mar devemos o que somos. Para outros povos tem sido sempre o despota, o supremo sacrificador; a nós tem dado momentos de summa gloria. Ajudou-nos a escrever uma epopeia com as suas ondas encapelladas; entreabriu-se n'uma hora, quasi se patenteou, aos olhos perspicazes do infante de Sagres e nós nunca lhe pagámos



ASPECTOS DAS GRANDES REGATAS EM CASCAES: A CORRIDA DOS YACHTS DE ARMAÇÕES DIVERSAS—S. A. R. o senhor infante D. Afonso na sua canôa n.º 1 -Azul-, que ganhou o primeiro premio n'esta corrida

assistir ás festas, o mar, que se engalanára, que t'era como hospedes os mais bellos barcos da nossa terra e a seu bordo a mais selecta sociedade, o mar,

que fôra todo de belleza e vira sobre as suas ondas, com um rei, uma rainha e com uns principes, as mais lindas mulheres, que ouvirá os gritos entusiasticos das aclamações aos que mais tinham vencido a corrente n'uma regata, que assistira no estrallejar dos foguetes e no ruido das rólhas do Champagne festivo, deixou que o sol se amortalsasse na sua purpura para ir reinar n'outras paragens resuscitado, e, na treva, sem se alterar mais do que o bastante para sorver uns corpos, engulia e levava para o seu fundo terrivel quatro homens que se atreveram n'essa noite a vir n'uma fragil embarcação, sem outra luz que a d'uma simples lanterna—estrella pouco propicia—em direcção á cidade, d'onde tinham partido, com outro que se salvou, cheios de alegria e com os mastros d'esse barquito enfeitados de bandeiras, que o mar tambem quiz para si.

Fôz confiança demasiada, a que elles tiveram nas aguas, que outr'ora deixaram passar para o Brazil uma casca de noz tão fragil como aquella e onde dois marinheiros algarvios foram a participar a D. João VI que estava livre a terra de Portugal; foi confiança de mais, apezar de ser tambem certo que n'esse mesmo dia elle n'oupu aquelle aeronauta do balão dirigivel que foi cair na agua com a machina despedaçada.

Por isso, depois d'accusar o mar, vem a impressão se não será antes o fudo dos que o sulcam triumphar ou morrer, ficar no seu fundo no vortice negro ou sair d'essa agua azul entre as aclamações que os vencedores da regata ouviram n'essa mesma tarde doce e doirada a que se seguiu a noite escura, a cumplice da onda que Shakespeare denominou: a perdidã!

ROCHA MARTINS.



ASPECTOS DAS GRANDES REGATAS DE CASCAES: A CORRIDA DOS YACHTS DE ARMAÇÕES DIVERSAS —A canôa -Jean Marie- do sr. João Bregaro que ganhou o segundo premio n'esta corrida

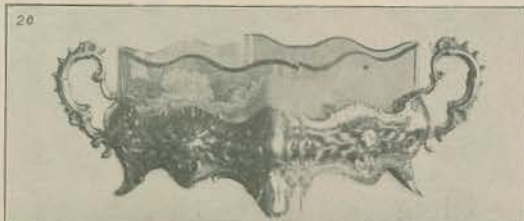
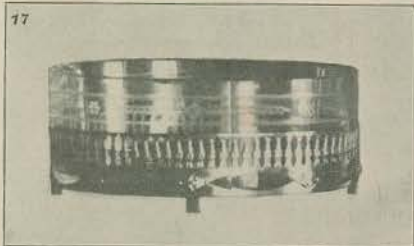
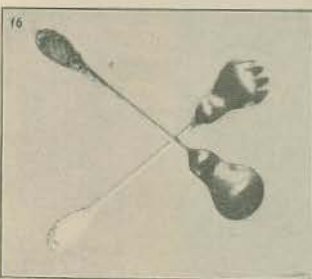
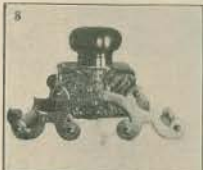
essa atenção, essa dívida enorme, porque ao mar não fizemos ainda o que costumamos fazer ao primeiro chefe de repartição que morre: uma estatua. E elle, então, lá de quando em quando, como se quizesse recordar-nos que não abdicou ainda das suas tyrannicas qualidades, alarma-nos quando lhe temos preparada uma festa, sobressalta-nos quando d'elle esperamos a continuação da sua tranquillidade.

Na Praia das Maçãs a vaga altaneira, forte, sacudida, a vaga que espuma e se alarga, enguliu dois corpos cheios de mocidade, duas jovens que, momentos antes, affagára n'uma caricia doce. Como se essa carne virgem lhe tivesse despertado um appetite, o mar quiz guardala para si a imitar aquelle leão da lendã a guardar cioso uma real princeza que debalde buscava fugir-lhe e que um dia fôz morta quando o animal, mais louco por ella, a acariciava com as patas garrudas e fortes. O mar recebeu aquella mocidade no seu seio, ficou por um momento a gosal-a para um dia a arremessar, morta, para os rochedos que elle beija com essa furia que teem os amantes tão ciosos como o actual rei siamez que, sentindo os olhos d'um estrangeiro sobre a sua odalisca querida, lhe mandou decepar a cabeça de tranças negras que ha pouco beijára. E o oceano é assim, e tanto o é que já o Hilario lhe imputava amantes.

Dias depois esquecera-se, ou, antes, perdoara-se ao mar essa traição, e n'um d'esses lindos domingos em que o céu veste azul e oiro, para tambem

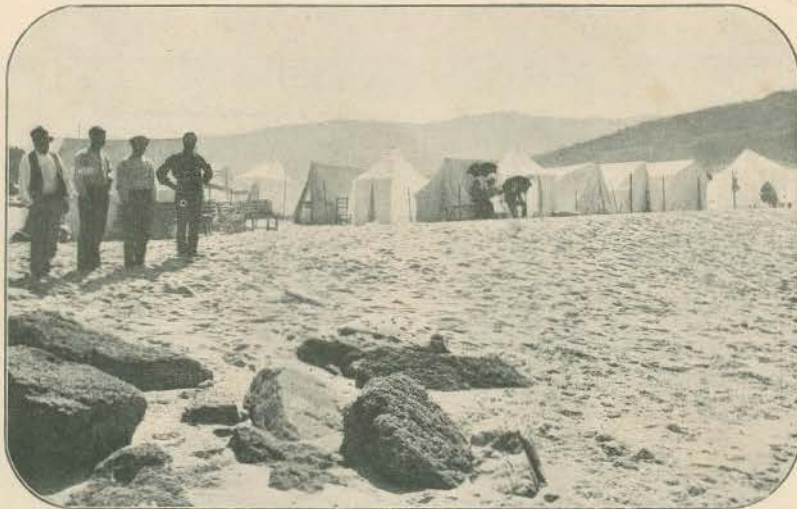


ASPECTOS DAS GRANDES REGATAS DE CASCAES: A CORRIDA DOS YACHTS DE ARMAÇÕES DIVERSAS —Largada das embarcações



AS GRANDES REGATAS EM CASCAES EM DOMINGO I DE O OUTUBRO—Os premios offercidos aos vencedores

1. Escova e pá para mesa, offerta do sr. Antonio da Costa Carvalho—2. Taça de prata -reposensée-, offerta de S. M. el-rei—3. Forte lettras, offerta do sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto—4. Tinteiro de crystal e prata, offerta do sr. dr. Manuel de Castro Guimarães—5. Medalha da Real Associação Naval (verso)—6. Medalha da Real Associação Naval (verso)—7. Licoreiro, offerta do Club Infante D. Manuel—8. Tinteiro de crystal e e prata, offerta de madame Black—9. Medalha de vermeil da Real Associação Naval—10. garrafas de crystal e prata, offerta de S. M. a rainha senhora D. Amélia—11. Mededalha da Real Associação Naval (verso)—12. Guarda joias de prata dourada e crystal, offerta da sr. D. Maria José O'Neill—13. Medalha do Real Club Naval (verso)—14. I. Reverse da medalha do Real Club Naval—15. Salva de prata, offerta da sr. marquessa de Guell—16. Serviço para salada, offerta do sr. Antonio da Costa Carvalho—17. Fioleira, offerta de S. M. a rainha senhora D. Maria Pia—18. Salva, offerta do sr. Carlos Black—19. Medalha do Club Madeirense (verso)—20. Floreira, offerta do sr. José Libanio Ribeiro da Silva—21. Reverse da medalha do Club Madeirense.



NA PRAIA DAS MAÇÃS:—A morte de duas meninas

Aspecto da Praia das Maças—Os banheiros da Praia das Maças: João Claudio, Pedro Fontinha, Afonso Lopez e José Daniel—Mulheres do Mucifal e a mãe d'uma das victimas orando—A mãe d'uma das victimas gritando contra o banheiro

Em quinta feira 28 de setembro duas meninas do lugar de Mucifal, uma de 14 annos chamada Marcellina Rosa e outra de 15 annos chamada Umbellina d'Assumpção, primas carneas, foram como de costume pelas 7 horas da manhã tomar o seu banho despidendo-se na barraca de João Claudio, um dos quatro banheiros que tem installações na praia, que, quando as reconduzia, lhes recommendou não tornassem a metter-se no mar.

Dentro em pouco, quando o banheiro estava com outra cliente d'agua, alguém lhe disse atrapalhando-o: «Olhe as pequenas do Mucifal andam além ombreadas». Com effeito as pequenas tinham saído da barraca e entrado d' novo no mar, sendo logo leva tás pela ressaca.

João Claudio atirou-se em seu socorro, começou a nadar com rapidez, chegando a agarrar uma d'ellas pelo fato, mas tendo que a largar em virtude da vio-

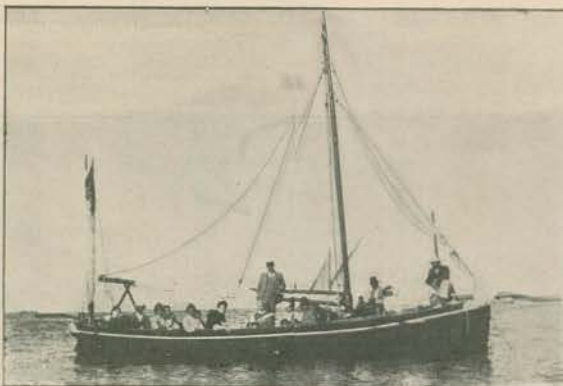
lencia das ondas; o pobre banheiro ainda morzeillou e quando veio ao lume d'agua estava exaustão, conseguindo chegar a terra em virtude de lhe ter sido atirada uma toalha por uma mulher do nome Josephina que assim o auxiliou, ao vê-o perto, mas sem poder nadar. Quando a noticia chegou ao Mucifal os paes das victimas dirigiram-se logo para a praia, havendo então scenas bem dolorosas e, tendo chegado muita gente do Mucifal, começou uma perseguição aos banheiros que, na

Photo, gentilmente enviada á «Illustração Portugueza» pelo sr. Antonio da Cunha) suas grande excitação, culpavam do desastre, tendo-se refugiado os perseguidos uns no chalet Cunha, outros no posto fiscal das Azeitunas do Mar até onde aquella gente os foi apedrejando. O cadaver da mais nova das victimas appareceu em 2 de outubro n'uns rochedos proximo do pharol da Roca e o seu fato apresentava um grande rasgão, que bem demonstra que o banheiro João Claudio ainda a conseguira agarrar, sem contudo a poder salvar.



Sr. José Mathews Ferreira

O sargento da guarda municipal que salvou do naufrágio



A chalupa «Olivia»



Sr. José Henriques Leitão

Contramestre do «Colombo» que com dois homens da tripulação deste vapor salvou Mathews Ferreira



O commerciante sr. Manuel Medina



O afeires sr. A. P. Kuckembuch d'Andrade Villar



O afeires Manuel Cento

O naufrágio da chalupa OLIVIA em 1 de outubro em frente de Paço d'Arcos: As victimas do naufrágio

A chalupa «Olivia» era um pequeno barco pertencente aos sr. Manuel Medina, commerciante, e José Mathews Ferreira, sargento da guarda municipal, que comia a regresso do domingo 1.º de outubro, entre outros, o afeires Manuel Leitão, um filho do sr. José Cento e o afeires sr. Kuckembuch Villar, novo collega do «Noticia de Lisboa» que salta: e viram-se com sua esposa, uma mulher do Estado-jornalista Urbano de Castro, na Porto-Branco, quando, depois de serem avisados a essa hora, passaram as tripulações em Saarem a noite em Cascaes, quando logo o sr. afeires Villar que «se neither dirigiram» a Lisboa, o que, apesar de todas as conselhos e avisos, se fez diante da insistencia d'aquelle senhor

que limonava o barco, isto depois de de terem sido pedis um reboque ao vapor «Operario», que não lheo poudes dar, porque estava a noite em Cascaes para retirar as boias. Ao chegarrem em frente de Paço d'Arcos, a tres mil e de repente o tremoroso grido avistado: «Naveis pela proa» A «Olivia» tinha a bordo apenas uma letorna de amestizao, d'agua que servem que cyclotas e mesma illuminação era feita em demasia para poder ser vista. Quando se se ouviu o grito de alarme logo pelo alvore, o sargento Mathews Ferreira atirou-se ao mar e começou a lutar com as ondas ao mar. Logo depois que a «Olivia» era despedaçada pelo vapor alemão «Margrate» que ia de saída. Durante alguns tempos o naufrágio avista os gritos e de socorro de sr. Villar e do filho do arraz que como o resto dosas tripulantes eram bons nadadores

ren, mas depois de se de salta e cande e elle sózinho, no meio das ondas, começou a sentir-se arrastado pela corrente, gritando com toda a força ao avistar a distancia uma luz que pertencia ao vapor de guerra «Colombo», da empresa «Bastardo & C.» e que estava ao mar das Falcoas. Um pescador do «Colombo», tripulado pelos maritimos Joaquim Louado e Antonio da Motta e pelo contra mestre do vapor sr. José Henriques Leitão conseguiu salvar o naufrágio, o qual perdeu os sentidos ao ser levado para bordo, quando todas as pertencas do naufrágio depois de lhe serem prestados os socorros, ficando como desvairado ao saber da morte dos seus infelizes companheiros.

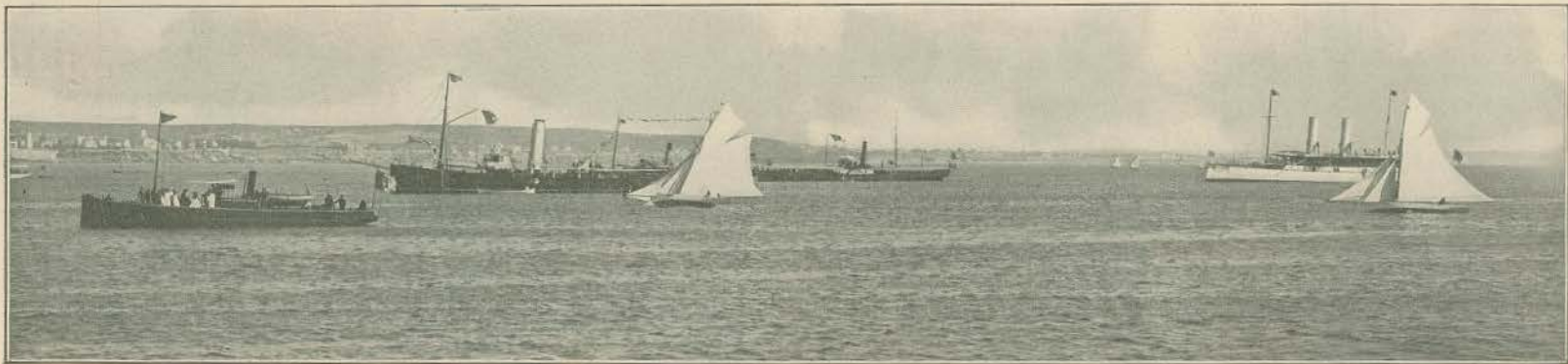
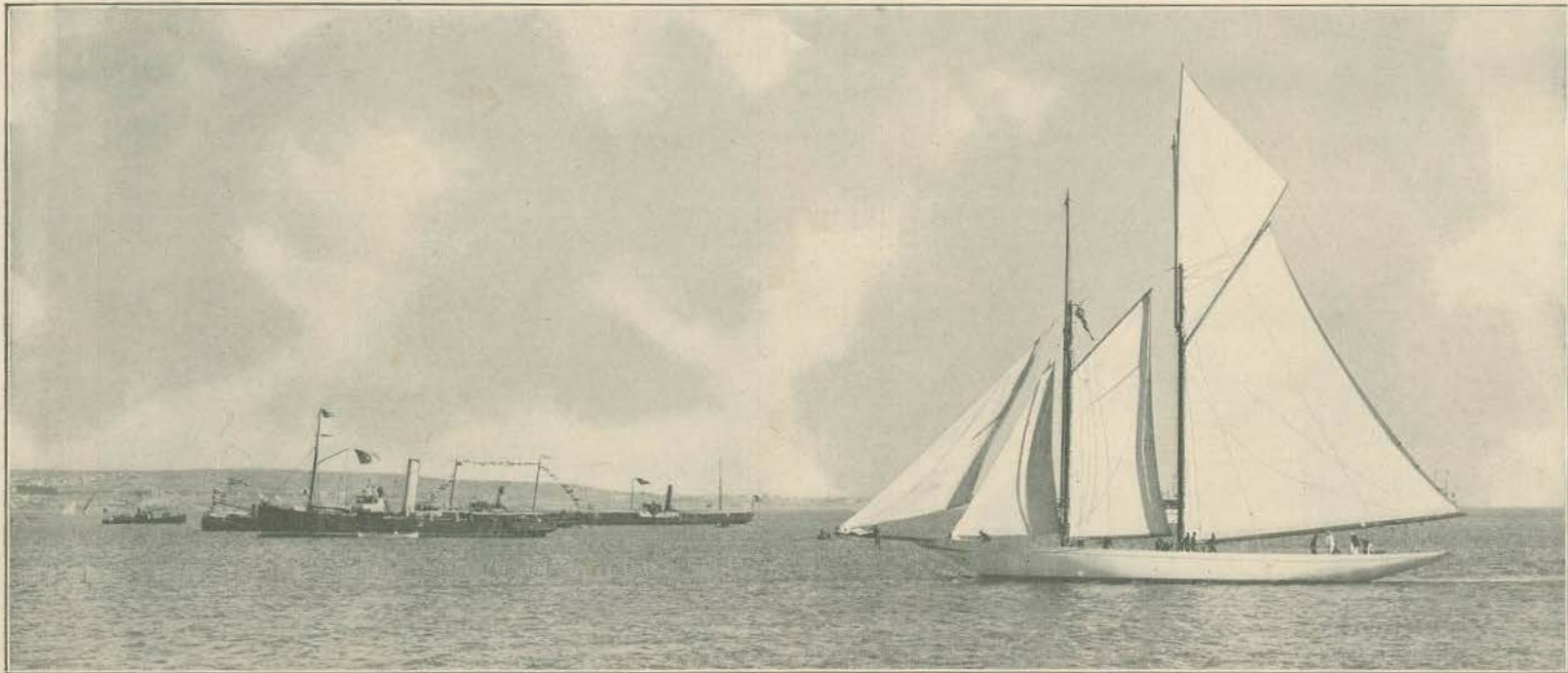


A festa no Club de Queluz em honra do sr. dr. Illydio Amado, em 29 de setembro de 1905

Uma commissão de cavalheiros que estão veraneando em Queluz levaram a effeito uma bella festa no club em homenagem ao sr. dr. Illydio Amado, um distincto amador da musica que em tempo dirigiu a Tuna Academica de Lisboa, de que nos recordamos ainda hoje

Dr. Illydio Amado—A sala doo baile—A sala doo banquete com saude. D'essa commissão faziam parte os sr. conde de Caparica, major Waddington, dr. Alvaro da Fonseca, Ernesto Bartholomeu, D. Antonio Portugal, e Castro, o capitão Vicente Hogalho. A festa constou d'um banquete, baile e ceia, sendo feita uma

valerosa manifestação ao sr. dr. Illydio Amado, tendo-se trocado effusivos brindes ao Champagne. A festa começou ás 8 horas da noite e acabou ás 5 e meia da manhã, sendo executadas por um sextetto diversas composições do festejado.



AS GRANDES REGATAS EM CASCAES EM DOMINGO 1 DE OUTUBRO

Na corrida de palhabetes ganhou o *Maris Stella* de S. M. el-rei, seguindo-se-lhe o *Elisa* do sr. Pazinta e tendo desistido a *Dinorah* do sr. dr. Manuel de Castro Guimarães na segunda volta. Na segunda corrida, *cutters*, ganhou o primeiro premio o *Vivandière* do sr. José

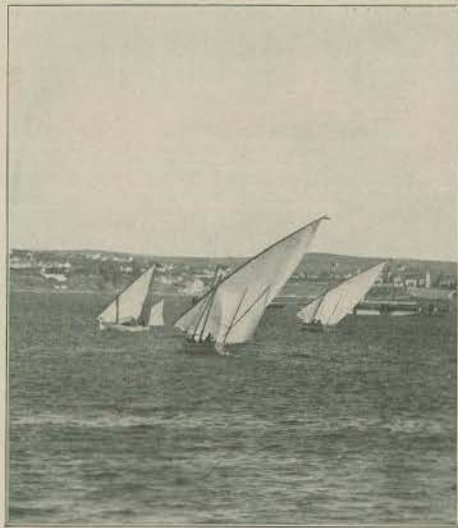
O palhabeto real *Maris-Stella* na primeira volta.—A largada dos *cutters*: *Palmyra*, do sr. Mario d'Allen e *Queneo*, do sr. José Wintermantel

Libanio e o segundo o *Maria Luiza* do sr. Ribeiro da Silva.

A terceira corrida, chalupas, ganhou o primeiro premio a *Coquette* do sr. A. Baptista; a quarta corrida, *cutters* de cinco a dez toneladas, foi ganha pelo *Palmyra*

do sr. Mario d'Allen, na quinta, *yachts*, armação de latino, chegou primeiro o *Manolita* do sr. Raphael de Castro; na sexta corrida, também *yachts* armação de latino, ganhou o *Águia* do sr. Manuel Figueira. A sétima corrida foi a dos pescadores de Cascaes, tendo-se disputado o

premio de 60\$000 réis, que foi ganho pela canoa *Nossa Senhora da Guia* do marítimo sr. José Lobo. Na oitava corrida, canoas de latino, ganhou o primeiro premio a *Desdemona* do sr. Carlos Abreu e o segundo a *Chulita* do sr. Alfredo Pereira.



AS GRANDES REGATAS EM CASCAES EM DOMINGO 1 DE OUTUBRO—Algumas das tripulações vencedoras e alguns aspectos

A tripulação da guiza 'Insula' que ganhou o primeiro premio na quarta corrida (junior); a remesa: sr. Frederico Geyeruso, Antonio Botta Fuziqua, Alexandre Mouton (timoneiro), Jorge Aldim e Ricardo del Neri.— A tripulação da guiza 'Clairite' que ganhou o primeiro premio na ultima corrida a remes: sr. Frederico Geyeruso, Ricardo Reinhardt, Narciso de Brito, Jorge Aldim, Candido Silva, sr. Daphni da Castro (timoneiro).— A tripulação da guiza n.º 2 que ganhou o segundo premio na corrida de 'pic-nic': sr. José Correia, D. Pedro de Mello (Sabugosa) e José Rogette.— Corrida dos 'yachts' a maior e a menor: A largada do 'Águia', 'Laura' e 'Emília'.— A tripulação da guiza 'Insula' que ganhou o primeiro premio na terceira corrida (junior): sr. Francisco Lopes e Ricardo Reinhardt (centeiros) sr. Luiz Nassir, Emmanuel Neriun (timoneiro) e José d'Albuquerque (de proa).

A regata principiou pelas 10 horas da manhã pela corrida das embarcações das mais diferentes tripulações por amadores e que se dividiram em tres classes, consistindo o percurso n'uma volta ao triangulo pequeno. Das embarcações de 1.ª classe ganhou o primeiro premio a

catón AINI n.º 1 de S. A. R. o senhor infante D. Alfonso, e o segundo a 'Alforrica' do sr. José de Mello (Sabugosa).

Das embarcações de 2.ª classe ganhou o primeiro premio a 'Fuzchahko' do sr. D. Antonio Heredia e o

segundo a 'Jean Marie' do sr. João Bergare, nas de terceira classe ganhou o primeiro premio a 'Marianna' do sr. Eduardo Piresello e o segundo a 'Mosca' do sr. Ribeiro da Silva.

De bordo do rebocador 'Berrio' onde estava instal-

lado o jury faziam-se grandes manifestações aos vencedores, deitando-se muitos foguetos. A's pessoas que se encontravam a bordo foi servida uma taça de 'Champagne', trocando-se muitos brindes, destacando-se os dos sr. Thompson e conselheiro Ferreira do Amaral.



AS FESTAS EM CASCAES EM 28 DE SETEMBRO PELO ANNIVERSARIO DE SS. MM.—As Illuminações

D'um effeito raramente entrevisto foram essas illuminações com que se festejou o anniversario de SS. MM. De bordo o aspecto era realmente surprehenden-

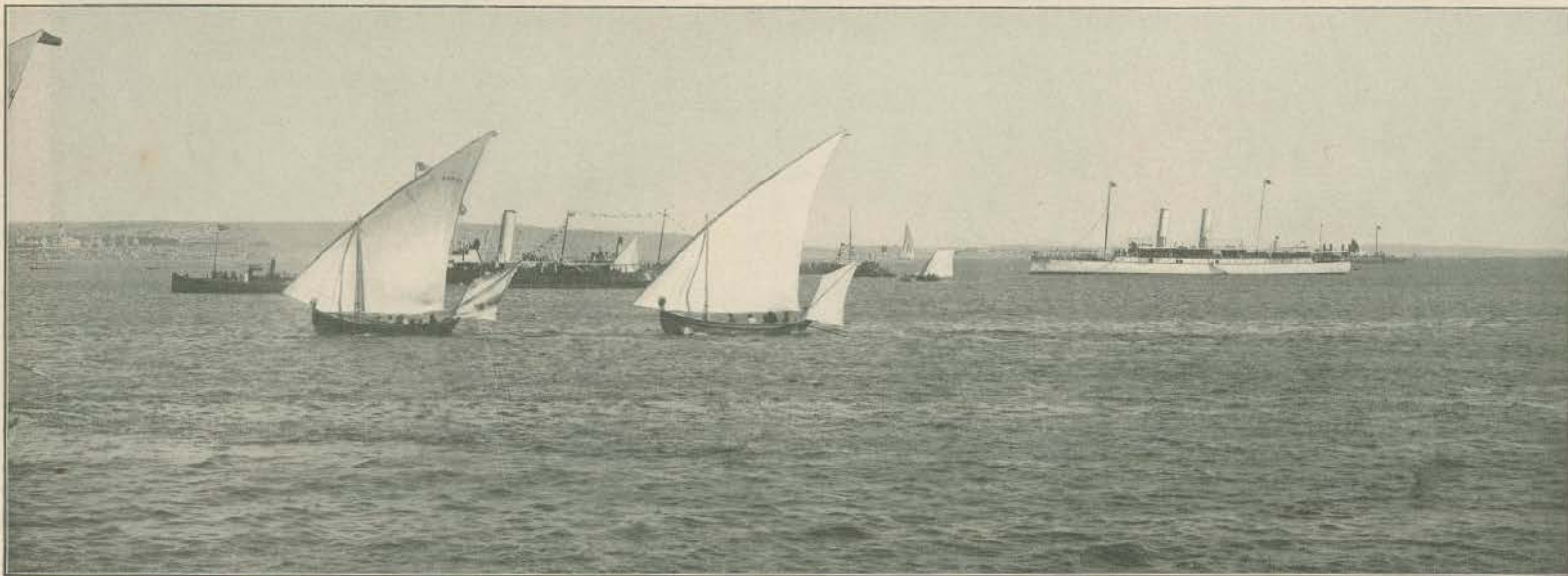
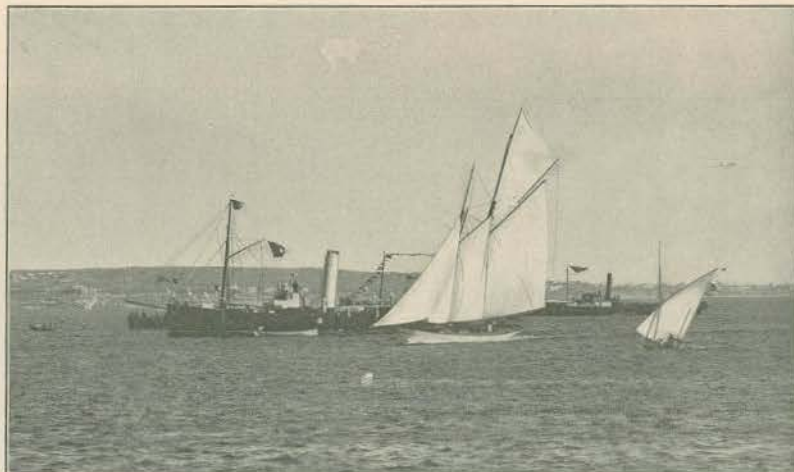
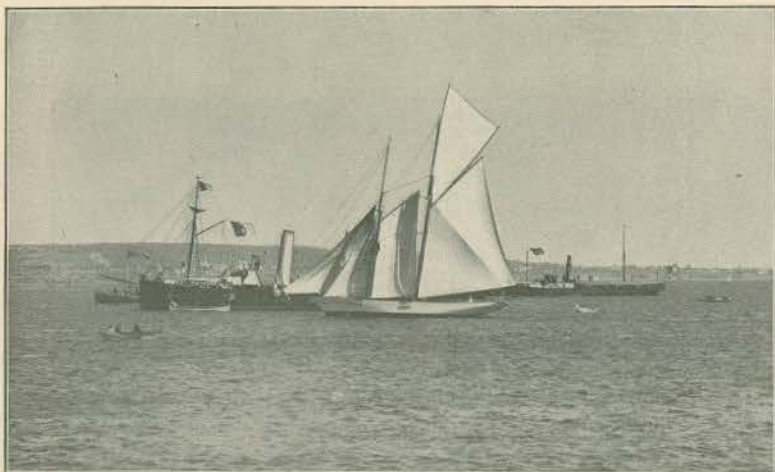
te. Desde Cascaes até S. João do Estoril, quasi todas as casas illuminaram e esse rastro de luzes soberbas e intensas; fuzilando na noite como se fossem reflexos das estrellas do alto, deslumbravam, faziam extasiar por

essa noite de serenidade que dentro em pouco era turbada por alguns aguaceiros. Os navios da nossa esquadra faziam projecções para terra, apanhavam nos seus focos rapidos e intensos

os pequenos barcos que vinham engalanados com balões e cheios de gente que se divertia. De quando em quando soavam musicas, o povo amontoava-se na alameda D. Carlos, na explanada Luiz Philippe, no passeio

Maria Pia e na praça D. Amélia onde tocavam as bandas de infantaria 2, dos bombeiros de Paço d'Arcos e a dos bombeiros de Cascaes. Pelas 11 horas e quando o agnelcelo já passara queimou-se um lindissimo fogo de

artificio que completou essas festas magnificas com que se celebra todos os annos em Cascaes o anniversario dos soberanos.



AS GRANDES REGATAS EM CASCAES EM DOMINGO 1 DE OUTUBRO—Diversos aspectos

—Dinorah, pertencente ao sr. dr. Manuel de Castro Guimarães—Ella, pertencente ao sr. Miguel Pazluta que ganhou o 2.º premio na regata de patahates—A largada das canoas dos pescadores de Cascaes

As corridas de remos despertavam muito interesse sobretudo porque n'ellas deviam tomar parte as embarcações dos clubs nauticos onde ha sempre um maior enthusiasmo. Na primeira corrida ganhou a canoa *Orion*, que era timonada pelo sr. capitão tenente Canto e Cas-

tro, a segunda foi ganha pelo *Irigger Mary* do Club Naval Infante D. Manuel, timonado pelo sr. Augusto Salgado, a terceira foi ganha pela *Insula* do Club Naval Madeirense que era timonada pelo sr. Emmanuel Mouton, a quarta foi ganha tambem pela mesma embar-

cação do Club Naval Madeirense, a *Insula*, que era timonada pelo sr. Alexandre Mouton. A quinta e sexta corridas, *pic-nics*, foram ganhas respectivamente pela n.º 1 timonada pelo sr. Francisco de Heredia, na segunda a n.º 2 timonada pelo sr. Pedro de Mello (Sabugosa.) A

ultima corrida foi ganha pela *Chaimite* do Club Naval Madeirense. Houve depois um desafio entre saveiras de pesc., ganhando a *Aedoriana I*, que pertence ao sr. Manuel Soares.



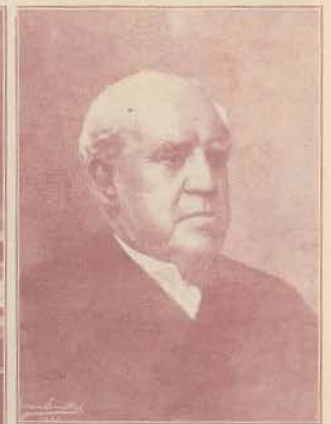
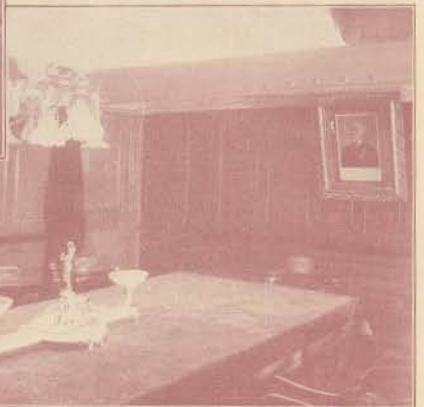
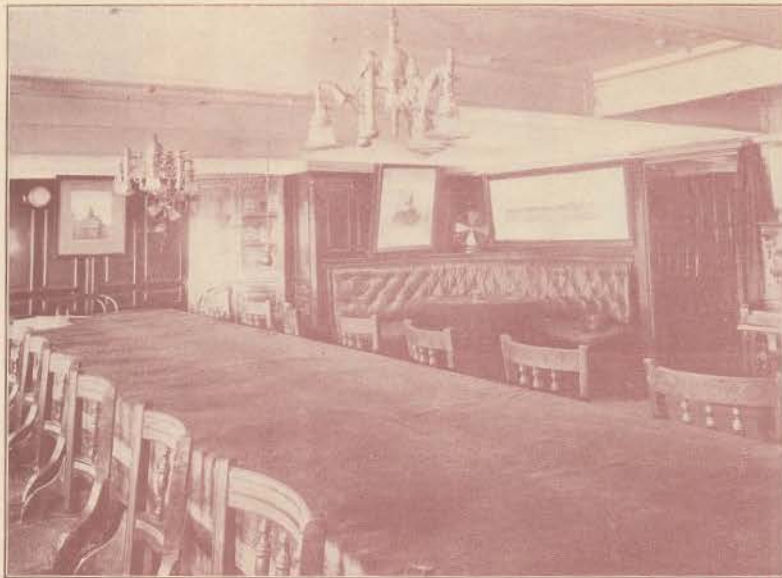
A CORVETA ARGENTINA -PRESIDENTE SARMIENTO-

Grupo dos officiaes da corveta com os professores de bordo: sr. capitão de fragata, Guillermo S. Scott; tenente de navio, Carlos Daireaux; tenente de navio, Guillermo Mahany; tenente de navio, Luiz Imperiales; tenente de fragata, Santiago Duran; tenente de fragata, Carlos Miranda; tenente de fragata, Eduardo Ramirez; tenente de fragata, Ramon Herrera; tenente de fragata, David Garcia; tenente de fragata, Carlos Valladares; tenente de fragata, Gabriel Albarracin; machinista de 1.^a classe, Nicanor Trejo; machinista de 2.^a classe, Zacarias Villalón; machinista de 3.^a classe, Julio Page; machinista de 3.^a classe, Carlos Bobadilla; medico de 1.^a classe, Guillermino Ruffo; cirurgião de 1.^a classe, Luis E. Prado; mestre de banda, José Grande; professor de inglês, Tomas Deunany; professor de esgrima, Luis Cantarero; professor de photographia, Lázaro Dubois; esculpto, Felix Lelva—**Grupo de aspirantes da corveta:** sr. Benjamin Villenas Basadibaso, Jorge Gomez, Juan M. Garcia, Antonio Frigerio, José R. Goiburo, Juan P. Dolmichevi, Juan M. Pastor, Rodolfo Medina, Felix Mac Carthy, Saba R. Hernandez, Arturo Zinimermann, Lucio Saldares, Rodolfo Barilari, Francisco Sabelli, Juan C. Genta, José A. de Urquiza, Tomas Godoy, Victor Fublet

A visita da corveta argentina *Presidente Sarmiento*, n'este momento em que se debate a questão da navegação argentina, hesitando-se entre o porto de Vigo e o de Lisboa, é para nós d'uma summa gentileza e d'uma altissima expressão de amizade entre Portugal e essa prospera republica da qual temos recebido sempre as mais galhardas demonstrações de apreço. O commandante da corveta, sr. Guillermo Scott, foi d'uma captivante cortezia permitindo que se fizessem a bordo do

bello barco do seu commando os trabalhos que publicamos, e emantou-nos d'attenções que agradecemos. A *Presidente Sarmiento* entrou no Tejo em 2 de outubro, pelas 8 horas da manhã, e vem em viagem d'instrução de aspirantes de marinha. O bello barco foi construido em Inglaterra nos estaleiros Laird & Sons, custou 126.007 libras esterlinas e foi lançado a ao mar em 1898. Mede 80,25 metros de comprimento, 3 315 de boca, 7^m 14 de pontal, 7^m 10 de calado e a sua tonelagem é de 3.850.

As machinas tem a força de 2.000 cavallos e a sua velocidade é de 13 milhas por hora. A *Presidente Sarmiento* saiu de Bahia Blanca em 15 de maio e dirigiu-se ao Cabo fazendo a seguinte derrota: Do Cabo a Nossi-Bé, de Nossi-Bé a Aden, de Aden a Port-Said, de Port-Said a Pola, de Pola a Veneza, de Veneza a Malta, de Malta a Bizerta, d'alli a Gibraltar, dirigindo-se para Lisboa, d'onde seguiu para a Argentina. Deve chegar a Buenos-Ayres a 13 de novembro.



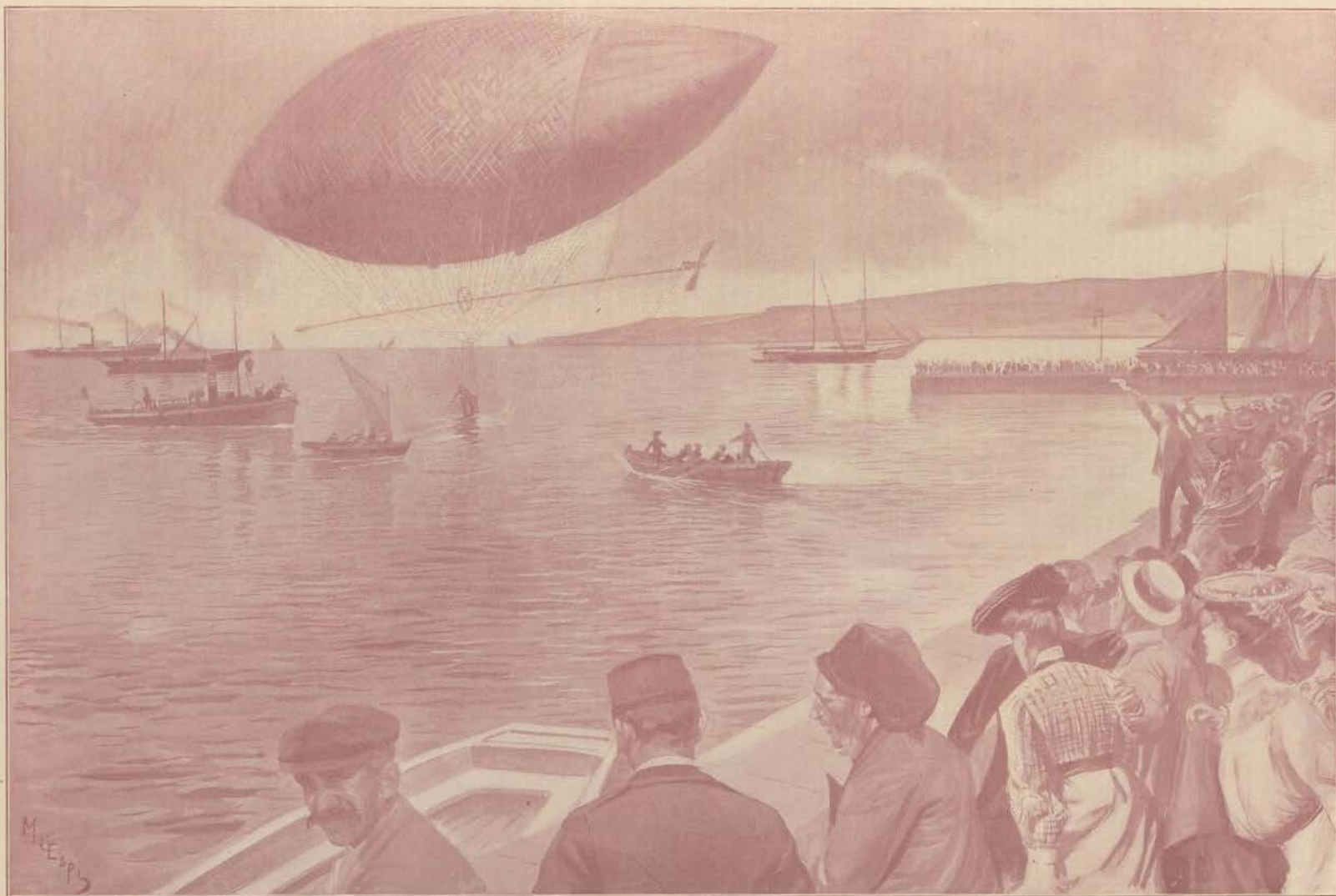
A corveta argentina PRESIDENTE SARMIENTO

Salão de jantar e officey dos officios—Capitão Ge-fregata Guillermo Scott, commandante da .Presidente Sarmiento.—A guarda do navio—Salão de jantar do commandante
—A .Presidente Sarmiento, navegando a vela—A Re—O presidente Sarmiento

Durante o tempo que esteve fundeada no Tejo a corveta argentina *Presidente Sarmiento*, além dos cumprimentos officios que se fizeram e das visitas de cortezia que se fizeram, alguns officios do navio foram a Cintra e Cascaes bem como o commandante, acompaña-

dos pelo consul da Republica Argentina em Lisboa. Os aspirantes sob a direcção de dois tenentes e d'um sargento de bordo foram: a Escola Naval, tendo percorrido todas as dependencias; e demorando-se muito tempo nos laboratorios de electricidade e de chimica applicada es-

tudando as explicações que lhes eram dadas pelos seus officios. A *Presidente Sarmiento* vai agora directamente a Buenos-Ayres depois de ter feito a viagem de instrucção com que completam o curso os aspirantes que veem a bordo.



A queda do balão dirigível que subiu do parque de Pathavã em 1 de outubro

O balão dirigível que fôra annunciado para fazer a sua ascensão no domingo 24 de setembro não pôde subir em virtude da chuva, mas como no domingo seguinte a tarde estivesse magalica a ascensão fôz-se e com ella a demonstração de que o aerostato tinha muito poucas qualidades de dirigibilidade. Deviam tripular o

balão o sr. Adriei Mouchirand como capitão e o sr. Felix Hausen como engenheiro, mas só este ultimo senhor pôde tomar logar na barguinha em virtude de ser mais leve do que o seu companheiro, como foi notificado ao publico.

Pelas cinco horas da tarde o balão subiu, seguiu

sem direcção e rumo ao lasso que era o do varão e dirigiu-se por fim para sobre o Tajo onde caiu pelas 9 horas da tarde em frente do jardim de Santos, começando a rasgar ao lano d'agua a quantos o aeronauta o criava de golpes para o despejar e não ser assim arrastado por elle, o que aliás assim acotteen durante vin-

te minutos, sendo então o aeronauta salvo pelos braços dos botes 79-E 201 e 17-E 263, ars. José Rodrigues e João Durão.

Appareceram tambem os vapores *Caster* e *Utile* que prestaram alguns socorros. O balão custára 2.500 francos e ficou inutilizado.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLIX-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

E na voz de Timour, que exaltava e seu triumpho n'um hymno de orgulho supremo, soava em notas implaceáveis toda a sublevação da Asia.

Kanyadjé, accorçada, em extasi, contemplava esse pae, cuja alma, ora terrível, ora terna, a enchia de um terror sagrado, mas a quem ella amava mais por altivez do que affeição filial.

— Ainda tendes bastantes perigos que affrontar, ó meu pae, murmurou ella. Os europeus teem as suas machinas de guerra.

Timour sorriu-se com desdém.

— E eu tenho trinta milhões de homens, todos prontos para morrer. Não matto, suffoco os que me resistem.

— Ouve lá, minha filha, deixa passar ainda algumas mezes, e teremos Constantinopla, depois Vienna, depois Paris...

— Mas, meu pae, aventurou-se ella a dizer com certo desembaraco, e esses europeus, teus prisioneiros, que avistás esta manhã no terraco, para onde os levas tu?

— Vêem, verão o meu triumpho. Se quizerem, se o comprehendereem a tempo, viverão e serão meus amigos... Aonde está Nadia? disse elle de repente, com a voz alterada.

Ouvindo proferir esse nome, a donzella não ponde deixar de erguer a cabeça, o sorriso desvanecou-se-lhe, e tremeram-lhe os labios. Timour percebeu essa crispacão hebraica. Rudemente accrescentou:

— Vae procural-a e traze-a aqui.

E o seu braço imperioso punha Kanyadjé em pé e obediente. Inclinou-se, beijou a mão de seu pae e sah.

Timour ficou por um momento immovel; apoderava-

se de sua alma uma impaciença febril. Não tornara a ver Nadia desde essa primeira entrevista, em que a altivez da europeia não pudera resistir ao atavismo asiatico, desde que uma extranha fascinação associara a prisioneira ao Senhor, de quem dependia a sua existencia e a dos seus amigos. A condicão da invasão, a longa e rude passagem do Pamir, os primeiros choques com os russos, tinham absorvido o pensamento de Timour. Sabia que Nadia o seguia, com sua filha, no centro da sua guarda particular. Voluntariamente a tinha esquecido, recalçando no segredo do seu coração até o desejo de as avistar sem ellas o saberem. E, n'esse dia incomparavel, em que a coroa de Timour Lenk acabava de ser posta sobre a cabeça do seu neto, seus olhos, prozados no oceano humano, cujas vagas tumultuosas batiam o seu pedestal de imperador, mal tinham entrevisto os vultos brancos que do terraco do palacio contemplavam esse espectáculo inaudito.

Mas n'essa hora em que, cansado de gloria e de ovações, confiando soberbo na conquista do mundo, Timour esperava Nadia, o coração do altivo e duro asiatico amolecia, o homem retomava os seus direitos, e elle sentia-se invadido por uma perturbação inexprimivel. Nadia apparecia-lhe de subito como a flor suprema da sua coroa, e ao mesmo tempo elle enchia-se de angustia pelo que se ia dizer e passar entre a donzella e elle.

Havia mais de dez annos que Timour tinha vivido solitario, na obsessão da obra formidavel que havia concebido e emprendido. Sua mulher morrera muito nova. Deixara a filha em Samarkande, e, sendo certo que cuidara da sua vida, só tivera d'ella noticias raras. Educado á europeia, tendo passado muitos annos ao serviço da Russia, havia conservado d'essa longo contacto e do trato com o mundo occidental tanta saudade como edio de uma civilisação requintada, cujo encanto penetrante tinha experimentado, como todo o oriental. A poderosa organisação do seu cerebro, a energia da sua vontade, tinham-lhe permitido dominar o mundo amarello, levantar-o e arrastal-o, mas d'elle, contudo, permanencia profundamente separado pelo que a mesma amplitude do seu genio dava á sua educação europeia. Além d'isso, amara em segredo Nadia, durante a sua estada em Varsovia. Uma timidez arisca tinha-o outro impedido de se approximar d'ella. Sentira que essa polaca, cuja intelligencia ultrapassava ainda a formosura, e cujas origens de familia elle ignorava, não daria a sua vida a um official do raco extrangeiro, de

sangue asiatico. Partiu, esqueceu ou julgou ter esquecido.

E eis que Nadia fora conduzida a elle por uma especie de fatalidade! Era livre, era imperador, podia offerecer-lhe tudo quanto a imaginacão de uma mulher pode sonhar mais grandioso! Sentira já estremeceer a alma de Nadia n'esse primeiro encontro que ella mesma tinha provocado, e em que se decidira a sua sorte e a de seus companheiros de missão. Ficara-lhe, porém, uma duvida da sinceridade d'esse passo e do pensamentos intimo de Nadia. Tinha a certeza que ella desde então não pudera communicar com Mórando e os seus amigos. Mas que garantia existeria elle e lheitaria ella da sua definitiva amnencia á sua vontade? Fluctuava em seu espirito um pressentimento obscuro, um receio indefinivel de que o seu orgulho soberano não topasse uma resistencia, cuja firmeza e duracão elle não podia prever, assim como não sabia a quaes concessões se deixaria levar a fazer para agradar a essa mulher, que de maneira tão imprevista surgira na sua terrivel epopeia.

O vago tormento que o opprime, como o estar á espera d'aquella que enche a sua alma, patenteiam-se-lhe nos olhos e no semblante, e Nadia sentiu-o, ao primeiro olhar que cruzou com o d'elle, quando entra lentamente, pallida na sua branca tunica, com os seus longos cabellos caidos sobre as espaduas em tres dondradas trancadas. Estremecio. Acaba de ver Timour, de longe, n'uma especie do apothoseo, acclamado por milhões de homens, cujos clamores se repercutem n'esto momento em toda a Asia central, inundada de milhões de amarellos. Torna-o a ver agora, não como conquistador e imperador, mas só. E' o seu senhor, e ella está a mercê d'elle.

Mas Nadia reflectiu, pensou n'esse momento fatal, mais do que Timour, durante os dias decorridos desde a partida de Karachar, durante as suas longas insomnias. Cada dia reconhecera ver apparecer esse homem, a quem se entregou mais do que queria, na surpresa extrema do seu parentesco e da sua inesperada declaracão.

Depois do receio, ao passo que os dias iam correndo, outro sentimento a invadira pouco a pouco, uma curiosidade acerba e dolorosa, composta de expectativa vã e prolongada, de certeza, de sentimentos feridos, de apprehensão, composta tambem do desejo de saber. Prisioneira, com effeito, da invasão, não soube mais nada. Viveu na ignorancia do que se passava, levada, inconsciente, por um brando movimento, quasi insensivel, na oscillação dos balanços e das casas rodantes, no entremetimento das grandes hervas amontoadas que o vento e as intemperias mal rocamem. Na confusão que entravam em Samarkande pelo seu alojamento recente nos aposentos do palacio dos governadores russos. Então comprehendeu que a hora decisiva ia sem duvida soar, e que Timour não tardaria a recordal-o e aos seus amigos a entrevista que lhes tinha marcado.

E n'esse dia fizera-se subitamente uma luz brilhante! Conduzida, por assim dizer, com os olhos fechados, a um terraco, experimentou primeiro e mesmo deslumbramento que lhe quebrantara os nervos e amorcecera a vontade, deante do espectaculo do exercito amarello, apparecido de repente aos europeus prisioneiros. Nadia, porém, já se não achava no estado de fadiga physica e moral a que a tinham reduzido as commoções tragicas e a dura cavalgada da sua primeira jornada. Repousada e forte do seu concentrado pensamento, tinha presenciado a scena da coracão e ouvido os rumores entusiasticos que rugiam em volta de Timour, sem deixar transparecer os sentimentos que dividiam a sua alma entre a admiracão involuntaria do presente e o terror do dia seguinte. Mas no seu animo persistia uma especie de corteza de que o terrivel impulsor de homens, que lhe apparecia ao longe como um conquistador implacavel, inacessivel á piedade, tinha fragozes intimas, e de que ella proutra retinha um poder mysterioso, cuja influencia já sentira sobre o coração de Timour. A presença de Kanyadjé junto de seu pae, as palavras, já distantes, de Timour, que affirmavam a Nadia a força do duplo laço de parentesco e de amor que repentinamente os unia, a clemencia imprevisita, que a pedido da donzella elle tinha lançado a toda a missão, eram outros tantos indices de que o conquistador não abafara por completo o homem. Mas Nadia tambem tinha presente a obrigacão fatal, á qual se condemnara, de se sacrificar indirectamente, se queria salvar os seus amigos. A sua alma generosa accetava esse sacrificio como resgate da morte, estava prompta para elle, mas queria o digno d'ella e do papel que ia representar. Votada á morte e ao Senhor, que a desonradava, estava á seu lado, fiel a elle até á morte, decidida tambem a usar do seu poder para poupar aos seus amigos, e talvez á Europa, as catastrophes que se preparam. No triumpho improvavel da invasão, ou no desastro final, que ella presente, Nadia pagará com a vida a sua traicão de europeia e o ter-se entregue a Timour.

Portanto, o chamamento de Timour não a surpreendeu. Todavia, quando se vê deante d'elle, uma angustia



ELLE FICOU DE PÉ A CONTEMPLAL-A

confrange-lhe o coração e turva-lhe os olhos. O sangue de europeia afflue no corobro. Espera immovel a primeira palavra de Timour. Mas este aproxima-se, e, com um gesto, a um tempo meigo e imperioso, estende a mão a Nadia, que lentamente pousa n'ella alguns dedos. Sem dar palavra, Timour a conduz aos fofos tapetes, e a leva a sentar-se de frente das pequenas mesas cheias de chavenas de ouro, de emaladas gomas e de samovares de prata com incrustações de turquezas. Elle fica de pé a contempla-la. Depois, rompendo esse commovente silencio, o conquistador diz com voz firme:

—Queréis servir-me o chá, Nadia?

A donzella deitou o liquido fumegante nas taças preparadas, e o aroma delicado da flor imperial subiu em ligeiros vapores. Pegou em uma das chavenas, e silenciosamente a voltou para o lado de Timour.

—Babeí, ordenou elle.

Nadia encarou-o admirada, e chegou ao de leve na labios ao bordo da chavena, quando, bruscamente, Timour lhe deitou a mão, e arguendo-lá a altura dos seus olhos, tornados deslumbrantes e fixos em Nadia:

—Nesta taça em que tocaram vossos labios, bebo a vós, Nadia, rainha da Asia!

Nadia fez-se pallida e estendeu a mão como n'um gesto de protesto. Mas Timour proseguiu:

—Nadia, não te tornes a vós de novo a outra individual em que adivinhaste que eu te amava. Occulta e invisível em que adivinhaste o meu exercito, caminhaste com o meu destino. E no meio das marchas e dos combates, no pó do Gobi que sobre as nevas do Pamir, o coração do conquistador te permaneceu fiel.

—Hoje, na minha frente, todos os mortos seculos revivem na gloria da hora presente. A Asia coroou-me como seu filho e seu senhor. O mundo pertence-me...

—Mas o meu triumpho não seria completo se tu não participasses d'elle. O destino te conduziu a mim. Tu mesma o comprehendes! Ora do meu sangue, comprehendes a ordem do destino. Vem pois quinhão da minha coroa, essa coroa que visto hoje descer sobre a minha cabeça, no esplendor e na alegria.

Nadia acutava, opprimida, porque taes palavras excediam ainda o que ella havia temido ou desejado. Ser mulher de Timour, participar do seu throno, era esse realmente o sentido das palavras que zumbiam aos seus ouvidos? Pallida, com a bocca fechada, os olhos meio fechados, não respondia.

Timour, aproximando-se, tomou a mão de Nadia:

—Sim, ficas commigo, Nadia. Seréis a belleza e a graça pairando sobre a conquista. Sinto que sois a estrella que a condaz. Nós, conquistadores, cujos passos queisam a vida no seu caminho, precisamos da piedade das mulheres!

Como se esta ultima palavra despertasse o seu pensamento perdido, Nadia voltava os olhos para Timour. Com um gesto rapido desprezou a sua mão das d'elle, e, recuando, meio erecta:

—E os meus amigos, onde estão?

Timour, primeiro admirado, sorriu-se.

—Não vos esqueceis d'elles, muito bem. Estão vivos.

—Estão vivos? Estão aqui? E que fazem d'elles? Oh! Timour, vós que falais em piedade de mulheres, sois acaso sincero? Tomastes a minha vida por troca da sua: cumpristes o vosso juramento?

As palavras precipitavam-se, entrecortadas, nos labios tremulos de Nadia. E do pé, agora, com o olhar duro, punha-se em guarda.

Uma chamma de coroa subiu á frente do imperador. Mas o seu olhar logo se abrandou.

—Timour cumpre a sua palavra, a sua palavra inteira. A rainha da Asia não recusa nada. Os europeus seguiram-me, presenciaram o meu triumpho. Como tu, assistiram hoje á festa da coroação. São meus prisioneiros, sempre rebeldes á minha vontade, obstinados na sua altivez de europeus. Contradigo a lei do sangue, mantendo-os. Dizem-me os lamas que a sua presença me será fatal. Que importa! Se tu me amas, sou assaz forte para os não temer; o teu amor garante a sua vida e a minha.

Ao passo que Timour falava, Nadia persuadia-se cada vez mais da sua sinceridade, como tambem do poder que tinha sobre elle. Tranquilla pelo que respeitava aos seus amigos, podia agora falar e responder ás declarações do conquistador. Sentia uma extranha impressão, uma sympathia irresistivel por aquelle que não tentava offender-lhe a sua coroa, a ella europeia, com risco de incorrer na hostilidade dos lamas fanaticos. Mas a sua alma estava tambem forçada de esder á fatalidade que a opprimia. Salvando os seus amigos e salvando-se a si propria, rumpia com a Europa, com tudo o que lhe tinha sido caro até alli.

—Cumpristes vossa promessa, disse ella enfim com um accento ineflavivel de melancolica grandeza. Cumprirei a minha. Estou nas vossas mãos e inclino-me diante do destino! Mas, se renuncio com dor profunda á Europa, se para sempre me separe dos amigos, cuja vida me dáes, ha uma coisa, á qual permaneço fiel até á morte. É a minha religião. Sou christã: não adoro o mesmo Deus que vós. O meu Deus é o unico verdadeiro. Respalto a vossa creença. Na vossa terrivel avançaça quereis destruir, com a Europa, a fé que professo: ides abrir no meu coração uma ferida incuravel, que hei de trazer sempre commigo junto de vós. A troco do meu doloroso sacrificio, pois que quereis associar-me á vossa exaltação, visto que hei de ser a mulher de Timour, tenho o direito de exigir que vos conformeis aos ritos da minha doutrina. Vossa mulher, seja, e selo-ho-hei—acrescentou com voz profunda—até o fim! Mas

vossa mulher pela lei europeia, e não pela lei oriental!

A attitude de Nadia testemunhava, em tudo o por tudo, o combate que n'ella se d'ava, e tambem a força da sua alma e da sua vontade imperiosa. Só os seus olhos corrigiam por um fulgor voluntario a firmeza da sua palavra, e para falar d'esse a modo ao Senhor da Asia era mister que ella sentisse a attração extraordinaria que lhe inspirava. Ademais, representava o papel que se tinha imposto, com uma onessada tanto mais segura que não tinha a escolher entre d'duas saídas. A' proposta tão clara de Timour, respondeu com uma declaração inequivoca.

A surpresa de Timour, escutando Nadia falar d'aquelle foito, e pedir essa consagração religiosa da união que elle desejava, não se lhe manifestou no rosto. E, quando Nadia terminou, elle guardou silencio um momento, sem deixar de olhar para ella. A donzella esperava agora, serena, com o allivio do seu pensamento declarado e conhecido, e a certeza intima de se ser obedecida.

—Sois uma extranha mulher, disse enfim o imperador. Offerecendo-vos quinhão da minha gloria, nunca pensei senão em obter vos por v'osso modo proprio, por vossa livre vontade. Acredito n' o destino, mais que em Buddha, mais que no v'osso Deus. A religião á que eu avanço para mim. Sem o fanatismo religioso ou não teria arrastado os secretarios de Buddha. Mais, em mesmo, asiatico de raça pura como sou, e, entrei nove ao serviço

da Russia; não era buddhista nem musulmano. Fui orthodoxo com os russos, oficialmente, na apparencia. Que me importam os ritos e as ceremonias vãs! Desprezo os lamas, como desprezo os popes; sirvo-me d'elles, não os temo! Sou o senhor. Quando houver conquistado a Europa, deixarei os povos entregues ás suas superstições. Que quereis, Nadia? Explicae-vos. Sois christã, e christã continuareis a ser! Quero que me ameis, e quero guardar-vos. Na tempestade de fogo e de sangue, que desencadeei, se caminho por entre rolampagos e trovões, quero... sentir na minha mão uma mão de mulher. Unimos em nós ambos a Europa e a Asia, para o imperio dos tempos novos.

Timour exaltava-se de novo. Havia n'esse homem extraordinario uma extranha synthese da imaginação e da grande eloquencia orientaes e da cultura europeia, que havia moldado o seu espirito.

Nadia comprehendeu então que estava victoriosa de ciarando-se vencida.

—O que eu quero de vós Timour, disse ella aproximando-se, e a rirem-se-lhe os olhos, é ser vossa esposa, como se me tivesseis pedido outr'ora em Varsovia. Chamai-me, mas venha um sacerdote christão aqui a este palacio e adormeca o meu remorso sob a sua benção... de que talvez aproveitarei!...

FOLHETIM N.º 15

(Continua.)



A ASIA EM CHAMMAN



A sala do Club Taurino Manuel dos Santos, onde foi inaugurado em domingo 1 d'outubro o retrato do malogrado cavalleiro tauromachico Fernando d'Oliveira

Chronica elegante

Cascaes e Estoril tiveram na semana finda o *record* das festas mundanas e elegantes. Festas de dia, de noite, ao ar livre, nos salões, em terra e no mar. O *sport* nautico atrahiu a attenção de profissionaes, de amadores e de profanos, que pouco versados no assumpto não deixam contudo de enthusiasmar-se com os resultados finaes e de deliciar-se com a contemplação da formosa bahia placida, azulada e fulgurante sob a incidencia do mais formoso sol d'outomno.

Outubro é o mez de Cascaes e, provavelmente, haverá occasião de assistir a festas varias e sensacionais cujos planos estão em embryão. Dizem que a *Gymkhana* offerecerá exhibições variadas: corridas de animaes, de ovos, de garrafas, de saccos etc.; a proposito vem dizer que um dos mais modernos numeros d'esta diversão, mixto de *sport* e de *cotillon*, é a corrida de rãs. Cada corredora empurra deante de si uma *brouette* com numero egual de rãs.

Aquella que chegar á meta tendo conseguido que menor numero de rãs se safem do *carinho* obtém o premio. Ha uma variedade immensa de jogos egualmente interessantes e proprios para o ar livre e a animação d'estas festas depende do bom gosto e do criterio dos seus organisadores.

Em todo o caso são sempre occasiões de reunião elegante, de apresentação de *toilettes-chic*, e de mil doctas e igualmente *chics* em todas as suas minucias.

Um assumpto assaz importante é o perfume; o perfume da moda não existe para a senhora verdadeira e distinta, a qual tem o seu perfume, vago, discreto e subtil.

que desde a sua meninice se encontra no armario dos vestidos, nas gavetas da roupa, nos *sachets* dos lençõs, nas caixas das roupinhas, nas pastas do papel de cartas, etc. Esta maneira de usar perfumes nada tem de commum com os habitos da burguezia e domingada que em dias de festa despeja sobre si um bom *deffleur* de essencia captoza, cara e algo incommodativa para os que tem a desdita de receber a sua visita. Os curiosos que conhecem o caracter das pessoas pela letra, tambem

agora attribuem influencias especiaes aos perfumes. O amisar torna as pessoas amaveis, a rosa dá tendencia para a avareza e o cravo para a maldade. As almas volaveis adoram o *bonjoim*, as religiosas a violeta e as poeticas o ambar.

E assim divagando, nos afastámos do assumpto modas, cujas previsões tambem já em chronicas anteriores temos indicado aguardando thema para qualquer affirmativa segura e verdadeira.

FIG. 1—*Toilette* do garden-party em *drap monselline* champagne com bordado em seda branca. Chapéu de fei-



FIG. 1



FIG. 2



FIG. 3

tro *crème* com pluma *crème* e *grosseille*. Clito de velludo *grosseille*.

FIG. 2—Costume *tailleur*; *jaquette* *garde française*, collete branco com *soutache* e botões dourados.

FIG. 3—Chapéu para costume *tailleur*; feito *postillo* com pluma preta.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na
Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS



— Conserva-me
com as CONSERVAS
e PICKLES de
Lopes, do
Coelho
Dias
e
MATHIAS DOS
SANTOS (PORTUGAL)

O PIPERINOL

Para dar cor e brilho igual ao encerado em móveis e soalhos. Imitação pau santo, no-
gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-raz nem cheiro algum.
Aplicação facil e rapida.

Deposito unico: **Rua Buenos Ayres, 35**
GIL DIAS ASSUMPCÃO.



CHRONOMETRE ZENITH

MEHOR RELOGIO
D'ACTUALIDADE EM
OURO, PRATA, E AÇO
PREMIADO COM O
Grand Prix
Paris de 1900

VENDA EM TODAS AS RELOJARIAS E OURIVESARIAS

MUSICAS

Não comprem sem ver
na R. do Ouro, 63 — **VENANCIO**

Cura dos ferenculos, diabe-
tis, eczemas, dyspepsias
e rheumatismo.
Fermento selecionado d'uvas
Formostho
Praça dos Restauradores, 21-Lisboa



ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Brilhantes capas em
percalina enca cada a
ouro e côres, a superio-
rmente illustrad a por San-
tos Silva, para a a enca-
dernação de cada semes-
tre da notavel revista
**ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA**
Capa e respectivo in-
dice para cada a semestre
700 RÉIS

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianela e Sobrelinho (Thomar),
Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha),
Instaladas para uma produção annual de cinco milhes de kilos de papel e dis-
pondo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão
e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas
para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua
ou rodada e de forma
Escriptorios e depositos | LISBOA - 270, Rua da Princeza, 276
PORTO - 49, Rua de Passos Manuel, 51
Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado—Porto-Prado—Lisboa; Numero telephonicos 208

TRIPLEOPHONE

A ultima palavra
em machinas falantes



GRAMOPHONES

Para o Povo
OU O
Gramophone Popular

Esta machina, um magni-
fico aparelho com todas as
propriedades das melhores
machinas, é perfectissimo, re-
produz os sons com todo o seu
vigor e pujança, com a maior
clareza e nitidez.

Preço **12\$000 PS.**

Companhia Franceza do GRAMOPHONE

Largo da Rua do Principe, 8, 1.º

Aonde todos os pedidos devem ser dirigidos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Estação d'inverno

INAUGURAÇÃO

Com o mais colossal, variado e completo sortimento de fazendas de todos os generos e procedencias



Os

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

o mais vasto e completo estabelecimento do paiz e o unico que tem relações directas com as fabricas, é por isso o unico que vende por preços fóra de toda a competencia todos os artigos das suas innumerables secções.

O fornecimento dos **Grandes Armazens do Chiado** é feito de fôrma a haver de tudo, desde o artigo mais simples e barato até ao mais rico e luxuoso.

O unico estabelecimento que offerece brindes reaes e effectivos, cujo valor representa uma grande parte dos pequenos lucros resultantes das vendas. Todo o comprador é associado aos interesses dos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Pobres, ricos e remediados todos devem ver a grande lista dos **BRINDES** distribuidos aos seus freguezes pelos **Grandes Armazens do Chiado**, entre os quaes se destaca o elegante, hygienico, saudavel e bem construido

CHALET IDEAL

edificado em CAE AGUA, uma das praias mais pittorescas e arejadas da linha de Cascaes.

Inauguração da estação d'inverno

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO